



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

A contribuição da Pedagogia para a Biblioteca Escolar

Brasília, 2017

LARISSA DE CASTRO SILVA

A contribuição da Pedagogia para a Biblioteca Escolar

Monografia apresentada como pré-requisito para
obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia
pela Faculdade de Ciência da Informação da
Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque.

Brasília, 2017

S581c

Silva, Larissa de Castro

A contribuição da Pedagogia para a Biblioteca Escolar / Larissa de Castro Silva. – Brasília : UnB, 2017

45 f.

Monografia (curso de Biblioteconomia) – Universidade de Brasília – UnB

Orientadora : Profa. Dra Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque.

1. Biblioteca Escolar. 2. Bibliotecário. 3. Conhecimentos Pedagógicos. I. Título



Título: A contribuição da Pedagogia para a BiblioEsc.

Aluna: Larissa de Castro Silva.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 30 de novembro de 2017.

Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque - Orientadora
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Fernanda de Souza Monteiro – Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Sonia Araújo de Assis Boeres – Membro externo
Doutora em Ciência da Informação

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus por ter me permitido cursar uma segunda graduação na Universidade de Brasília

Agradeço à professora Kelley Cristine toda orientação recebida e paciência com que me orientou. Foi por meio dela que percebi a importância do Letramento Informacional para o processo pedagógico na escola.

Sou grata pela visão que a Igreja Memorial Batista teve ao implementar uma biblioteca para o uso de seus membros e congregados, especialmente, pelas pessoas de Dionne Dulce Paranhos Nérís Benjamim e Eliane Nogueira Paranaguá Consigliero. Essas duas mulheres são bibliotecárias e me iniciaram nos conhecimentos biblioteconômicos mesmo ainda antes de desejar cursar a graduação de Biblioteconomia.

Agradeço à minha família por todo o apoio nessa hora de elaboração da monografia.

Agradeço aos meus amigos de curso por todas as sugestões e discussões para a melhoria do texto.

“Ora, ao Rei dos séculos, imortal, invisível, ao único Deus, seja a honra e glória para todo o sempre. Amém.”

I Timóteo 1:17

“Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos! Pois, quem jamais conheceu a mente do Senhor? Ou quem se fez seu conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; glória, pois a ele eternamente. Amém.”

Romanos 11:33-36

Soli Deo Gloria

RESUMO

O presente trabalho analisa a interseção entre a biblioteca escolar e o ambiente pedagógico. A realidade das bibliotecas escolares no ensino básico do país ainda é carente de melhorias. Para discutir essa questão este trabalho de análise de literatura traz informações sobre a realidade atual das bibliotecas no Brasil; além disso, sugere um caminho para a mudança com a teoria de Letramento Informacional. A metodologia é de natureza qualitativa, por meio da análise de literatura de artigos, que tratam dos conceitos de biblioteca, história das bibliotecas no Brasil, as possibilidades de contribuição profissional dos bibliotecários escolares no cotidiano pedagógico da escola e Letramento Informacional. A conclusão é que ainda há muito a ser feito pela biblioteca escolar no Brasil. Os bibliotecários escolares precisam ser mais atuantes para ter seu trabalho valorizado no ambiente escolar.

Palavras chave: Biblioteca Escolar. Bibliotecário. Letramento Informacional. Conhecimentos pedagógicos.

ABSTRACT

This academic paper analyzes the intersection between the school library and the pedagogical environment. School libraries' reality in elementary and high schools in Brazil still lacks improvement. To discuss this point, this text is a literature analysis which brings pieces of information about current reality of libraries in Brazil. In addition, this text suggests a different way to change the way practised in school libraries with Information Literacy. The methodology is qualitative by literature analysis of articles about the concept of library, history of library in Brazil, the school librarians' professional work in the daily pedagogical work of school and Information Literacy. The conclusion presented is that there is much more to be done for school library in Brazil. School librarians have to have practise a stronger way for their work acknowledged.

Keywords :School library. Librarian. Information Literacy, Pedagogical Knowledges

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	8
1.1	Objetivos.....	9
1.1.1	<i>Objetivo Geral</i>	9
1.1.2	<i>Objetivos Específicos</i>	9
1.2	Justificativa.....	9
2.	REVISÃO DE LITERATURA.....	11
2.1	Conceito de biblioteca	11
2.2	História das bibliotecas no Brasil.....	14
2.3	A biblioteca escolar no Brasil contemporâneo	17
2.4	O bibliotecário escolar visto como educador.....	23
2.5	Letramento Informacional.....	25
3.	METODOLOGIA.....	30
4.	ANÁLISE DE LITERATURA	31
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS	45

1. INTRODUÇÃO

Faz parte das crenças do senso comum no Brasil que bibliotecas são lugares de guardar livros velhos, desatualizados e empoeirados. Além disso, muitos pensam que as principais funções do bibliotecário são: realizar empréstimos de livros, exigir silêncio e reclamar com aqueles que ousam profanar a santidade do “templo sagrado do saber”. Motivados por estes pensamentos, o trabalho de uma biblioteca é considerado tão fácil que qualquer pessoa seria capaz de executá-lo. Essa é a razão de existir tantas unidades de informação sem a presença de um profissional capacitado.

As bibliotecas que não contam com a presença de um bibliotecário, em geral, são espaços que acrescentam pouco para a dinâmica da comunidade na qual está inserida. Muitas vezes, não passam de um ajuntamento desorganizado de materiais aleatórios. Não há a preocupação de desenvolver atividades culturais que façam diferença para as pessoas, pois o responsável pela biblioteca é visto como um cuidador do acervo. Os recursos informacionais estão apenas disponíveis para serem emprestados para aqueles que se lembram de sua existência.

No entanto, bibliotecas bem geridas têm alto potencial para impactar a sociedade. Por exemplo, Mey e Silveira (2009, p.1) afirmam que:

uma biblioteca existe para propiciar alternativa, possibilidade e oportunidade às pessoas. Alternativa para que possam escolher entre vários, não havendo nunca um caminho único. Possibilidade, para que tenham acesso ao que, de outro modo, lhes seria vedado. Oportunidade, porque apenas através do conhecimento as pessoas se podem transformar e transformar o mundo em que vivem. As bibliotecas são espaços de liberdade, capazes – fato comprovado – de mudar a história da humanidade.

A biblioteca escolar (BE), principalmente, precisa estar comprometida em possibilitar novas alternativas ao público-alvo: estudantes, responsáveis, professores, funcionários e ex-estudantes da escola, que fazem parte do que se denomina “comunidade escolar”. Para que isso ocorra, é necessário que o bibliotecário, além dos conhecimentos técnicos da área de Biblioteconomia, tenha conhecimentos pedagógicos e os coloque em prática.

Não é difícil retratar o descaso a que bibliotecas escolares vêm sendo, historicamente, submetidas no Brasil. Maroto (2012, p. 57) descreve a situação precária desse recurso educacional como sendo um depósito de livros, um enfeite da escola. Isso ocorre porque, quase sempre, a biblioteca escolar se encontra em um sistema tradicional de ensino, em que as fontes de informação são o professor e o livro didático, colocando barreiras à criatividade do estudante para procurar informações novas sobre determinado assunto.

Este trabalho tem o propósito de analisar a interseção entre a biblioteca escolar e o ambiente pedagógico para que a biblioteca escolar seja um dispositivo educacional que faça diferença na

experiência estudantil de meninos e meninas em idade escolar.

1.1 Objetivos

Abaixo seguem os objetivos geral e específicos desta monografia:

1.1.1 Objetivo Geral

- Analisar a interseção entre a biblioteca escolar e o ambiente pedagógico.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Situar, historicamente, a biblioteca escolar.
- Identificar os principais problemas das bibliotecas escolares no Brasil.
- Apresentar a importância do componente pedagógico na biblioteca escolar.
- Apontar possíveis soluções para o cotidiano da biblioteca na escola.

1.2 Justificativa

A biblioteca escolar no Brasil ainda está longe de ser um recurso educacional que faça a diferença no cotidiano escolar, principalmente, porque, muitas vezes, não há a correta percepção de sua importância e possibilidades pedagógicas. Silva (1999) afirma que ainda reinam o silêncio e a indiferença em relação às bibliotecas escolares. Elas ainda são vistas como o espaço de descanso de professores cansados e doentes; de castigo para alunos indisciplinados e de cópia de enciclopédias para o dever de casa. O mesmo autor afirma que:

Aulas exclusivamente expositivas ou rigidamente obedientes ao comando do livro didático, por vezes considerado a oitava maravilha do mundo, impedem a participação de outros elementos no processo ensino/aprendizagem. Dessa forma, há poucas ocasiões para a utilização da biblioteca escolar, salvo os seus usos clássicos como "espaço do castigo" ou "espaço de cópia", conforme já mencionamos.

Essa ideia remete a Paulo Freire, que na obra “Pedagogia do Oprimido” estabelece o conceito de educação bancária, prática educativa de encher os estudantes de conteúdos de forma alienada. Freire (2008, p. 65) explica que este tipo de prática educativa é feita principalmente pela narração. Professores (agentes ativos) narram os conteúdos aos seus estudantes (agentes passivos) que tem a obrigação de memorizar e reproduzir os conteúdos na prova.

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentalizado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. A sua irrefreada ânsia. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja

tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade, desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. Daí que seja mais som que significação e, assim, melhor seria não dizê-la (FREIRE, 2008, p. 65).

Para o autor, o conhecimento deve ser construído em comunhão por ambas as partes, nunca em situação de dominante/dominado ou sabedor/ignorante. A educação ocorre pelo diálogo entre estudantes e professores.

Considerando os objetivos de um trabalho de conclusão de curso de graduação e levando em conta o tempo disponível para o seu término, a presente pesquisa consistiu em uma revisão e análise da literatura com o objetivo de identificar na bibliografia, em especial brasileira, a interseção entre a biblioteca escolar e o ambiente pedagógico.

Para a realização desta pesquisa foi definido o conceito atual de biblioteca escolar, dando ênfase nos processos em transformação de aprendizagem escolar, planejamento de espaço físico de bibliotecas e atuação do bibliotecário escolar a fim de potencializar os resultados da BE. O texto “Bibliotecas escolares: tendências globais” de Gasque e Casarin (2016) foi a base para essa parte do trabalho. Em seguida, há a exposição da História das bibliotecas no Brasil seguida da caracterização da biblioteca escolar hoje, tratando dentre diversos assuntos, dos obstáculos ao uso da biblioteca na escola brasileira.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Conceito de biblioteca

Parece existir, no Brasil, uma concepção de biblioteca como espaço de guarda de livros velhos e empoeirados, apesar das novas ideias que surgem nos novos estudos científicos. Por exemplo, segundo Fonseca (2007, p. 50), existe um novo conceito de que a biblioteca seja menos vista como espaço organizado ao extremo e até mesmo que impeça os usuários de a utilizarem para um espaço de comunhão e compartilhamento de conhecimentos.

Gasque e Casarin (2016) afirmam que a aprendizagem escolar está em transformação e comentam que a biblioteca escolar também precisa acompanhar essas mudanças. As autoras citam Sullivan (2011) ao afirmar que não são mais essenciais para o planejamento de uma biblioteca escolar as questões de espaço físico e localização de móveis. Atualmente, as perguntas mais urgentes são identificar as ferramentas e recursos que os estudantes precisarão, identificar os objetivos de aprendizagem na escola e questionar como os objetivos de aprendizagem podem ser integrados ao trabalho da biblioteca. É urgente que a biblioteca escolar se adeque a essa nova realidade.

Gasque e Casarin (2016) trazem a opinião de Hough (2011) sobre a importância de a biblioteca escolar estar atenta às transformações da sociedade. Por exemplo, a amplificação das tecnologias de informação e comunicação, a globalização, mudanças comportamentais nos indivíduos, transformação no valor do conhecimento. As autoras afirmam que, diante deste contexto, a escola deve ser entendida como espaço de diálogo e discussão visto que não é mais o centro e nem a principal fonte de informação. Elas afirmam que a evolução nos estudos da mente trouxe consequências significativas para a educação. Um dos marcos, segundo as autoras, seria a ênfase na aprendizagem compreensiva e não somente na memorização

Gasque e Casarin (2016) trazem à discussão o relatório NMC Horizon (*New Media Consortium*) para educação básica que trata de tecnologias emergentes e o potencial de impacto no processo de ensino-aprendizagem. As principais tendências, segundo o relatório são:

- repensar a forma como as escolas funcionam, a fim de reforçar o envolvimento dos estudantes e obter mais inovação;
- mudança para abordagens de aprendizagem mais aprofundadas, como a aprendizagem baseada em projetos;
- aumentar a utilização de abordagens de aprendizagem colaborativas, fundamentadas na perspectiva de que a aprendizagem é construção social;

- mudança de estudantes como consumidores para criadores de conteúdos;
- aumento da aprendizagem híbrida, que projetada e implementada de forma eficaz, permite aos estudantes praticar e conseguir o domínio do conteúdo no próprio ritmo por meio de módulos de aprendizagem on-line;
- Valorização das humanidades e das atividades artísticas que envolvem os estudantes em um contexto de aprendizagem multi e interdisciplinar.

As autoras trazem a opinião de Greene e Waugh (2015) ao afirmarem que a disponibilidade de os estudantes levarem seus próprios dispositivos com acesso à internet para a escola possibilita a integração de atividades com níveis mais profundos de informação, requerendo que assuntos como direitos do autor, filtragem, usabilidade, privacidade e segurança façam parte do currículo escolar. Esses temas pedem uma maior atuação do bibliotecário escolar no cotidiano pedagógico.

Segundo Gasque e Casarin (2016), as tecnologias permitem a aprendizagem ir além da sala de aula, impondo às bibliotecas escolares novas formas de atuar e ensinar. As autoras citam Johnson (2013) que afirmam serem as BE's espaços de aprendizagem social, propícios aos trabalhos de equipe, formais e informais. As autoras afirmam que os principais benefícios do modelo de aprendizagem conectada estão em ambientes de aprendizagem fora da escola, concluindo que as bibliotecas escolares ao utilizarem esse modelo, em geral, atuam com atividades extraclasses, por meio de clubes.

As autoras trazem a opinião de Sheehan (2013) citado por O'connel, Bales, Mitchell (2015) para quem as coleções das bibliotecas escolares enfrentam desafios únicos se comparadas a outros tipos de bibliotecas: precisam estar alinhadas às normativas oficiais, ter conteúdos previstos no currículo escolar, adequar-se à idade e habilidades dos estudantes, atender aos interesses recreacionais e também às demandas de atualização dos professores.

Gasque e Casarin (2016, p. 6) afirmam que as bibliotecas escolares têm enfrentado um novo desafio com o aumento exponencial de conteúdos digitais e dos recursos eletrônicos. Nesse sentido, muitas escolas têm repensado as regras de aquisição de conteúdos ao comprar materiais digitais para uso em toda a escola. No entanto, algumas precauções devem ser tomadas, visto que os itens digitais normalmente não são vendidos, e sim, licenciados. Por isso, é importante estudar com cautela o termo de licença aplicado ao material. O provedor do material pode a qualquer momento excluir o conteúdo e deixar a escola sem acesso a determinada informação. Além disso, alguns editores oferecem outras opções às bibliotecas escolares: serviço de assinaturas anuais, licenças perpétuas e aluguel a curto prazo.

As mudanças nas concepções e teorias de aprendizagem exigem a transformação do espaço físico da biblioteca. Esses novos conceitos pedagógicos não comportam mais uma biblioteca

tradicional em que os consulentes a frequentam apenas para estudar e a pessoa responsável pelo recinto procura livros e exige silêncio dos frequentadores.

Gasque e Casarin (2016, p. 9) afirmam que as escolas contemporâneas enfatizam o letramento, a educação autodirecionada e a aprendizagem colaborativa, assim como, os diferentes estilos de aprendizagem. As autoras levantam a questão da existência dos vários dispositivos eletrônicos que os alunos levam às aulas sobre até que ponto substituirão os impressos nas escolas de educação básica. Essas novas concepções contribuem para que as bibliotecas sejam planejadas como espaços de aprendizagem comum. Esse novo espaço deve ser flexível para ser usado com diferentes objetivos: espaços para aprendizagem em grupo baseado em projetos e atividades multimídia, áreas para contação de histórias, apresentações e performances, além de áreas para leitura e estudo individual, sempre levando em consideração as pessoas com necessidades especiais.

As autoras apresentam o conceito de *Learning Commons*, definido como um espaço físico e virtual em que a aprendizagem é compartilhada. Essa teoria foi proposta por Loertscher, Koechlin e Zwaan, em 2008, que recomendaram a junção do laboratório de tecnologia educativa e da biblioteca escolar. Algumas escolas e distritos escolares dos Estados Unidos da América do Norte experimentaram esse modelo em que a comunidade educativa contribui e participa dos programas nos quais a aprendizagem, a criatividade e a inovação são forças motrizes.

Gasque e Casarin (2016) citam Grigsby (2015) ao afirmarem que a fonte citada argumenta que o novo *design* de biblioteca escolar deve ser estruturado como espaço comum de aprendizagem, em que os estudantes possam trabalhar para resolver problemas. Esse novo espaço deve ser flexível, para tanto, deve ser planejado com mobiliários móveis para formação de ambientes diferentes. Além disso, Grigsby traz à discussão a questão do desaparecimento das bibliotecas, como se observa pelo senso comum. A ideia é que não haverá mais necessidade de biblioteca física, uma vez que os estudantes poderão acessar as informações via internet e resolver as tarefas em casa. A autora (2015) argumenta que isso não ocorrerá, pois a nova função da biblioteca é ser espaço de conversação, de interação, de encontros, bem como espaços *makers*. As autoras (2016) citam Canino-Fluit (2014) que afirma que espaço *maker* é uma atividade social de investigação e criação que permite aos estudantes desenvolver habilidades, disposições, responsabilidades e estratégias nos padrões do século XXI.

O bibliotecário escolar, segundo Gasque e Casarin (2016, p. 13), deve mudar o foco de atuação para enfrentar esse novo desafio da aprendizagem virtual. Esse profissional deve trabalhar mais a função pedagógica e a criação do conhecimento e não se restringir a armazenar, processar tecnicamente e recuperar informações. Ainda, para as autoras, o bibliotecário se torna um especialista em ferramentas digitais e, precisam assumir, cada vez mais, funções pedagógicas.

Gasque e Casarin (2016, p. 13) trazem a opinião de Cooper e Bray (2011) para quem bibliotecários escolares de sucesso são aqueles que colaboram com os professores como parceiros plenos no processo de aprendizagem. No entanto, nem sempre a comunidade escolar percebe essa faceta do trabalho do bibliotecário. Como resultado, o profissional da informação não participa dos planejamentos e das ações de formação de professores, sendo confinados às bibliotecas.

Gasque e Casarin (2016, p. 14) afirmam que autores como Taylor, Greene e Waugh (2015) ressaltam que o objetivo principal do bibliotecário escolar é possibilitar o acesso à informação. No entanto, com as novas tecnologias móveis os objetivos se ampliaram para avaliação da credibilidade das informações, respeito aos direitos autorais e proteção à privacidade. Ao passo que Easley e Yelvington (2015) ressaltam que o bibliotecário escolar deve atuar como líder de instrução, especialista da informação, administrador de programa, colaborador, curador digital, facilitador da e-aprendizagem, e também, no desenvolvimento da cidadania digital. Além disso, o bibliotecário escolar deve trabalhar com os professores e administradores para selecionar recursos digitais para agregar valor ao currículo, apoiar os estudantes e professores na utilização de dispositivos móveis e promover o gosto pela leitura ao longo da vida.

2.2 História das bibliotecas no Brasil

Ermakoff (2015) registra que, diferentemente dos povos incas, maias e astecas, os primeiros habitantes do futuro território brasileiro tinham um modo de vida primitivo. Eles eram nômades, não havendo nenhum grupo que dominasse a escrita ou rudimentos matemáticos. Não havia quem lesse ou possuísse livros em terras brasileiras na primeira metade do século XVI, mesmo sendo ocupado pelos primeiros colonos portugueses após a instituição das Capitanias Hereditárias. Esses colonizadores eram em sua maioria homens rudes, de poucas letras.

Em 29 de março de 1549, quando chegou o primeiro governador geral, Tomé de Souza, acompanhado do padre Manuel da Nóbrega e de mais cinco Jesuítas, Salvador se tornou a primeira capital do território brasileiro. Com a instalação da administração com tabeliães (que deveriam ser letrados) ocorreu a presença dos primeiros livros em solo brasileiro (ERMAKOFF, 2015, p. 37).

Os padres da Companhia de Jesus iniciaram os trabalhos de catequese dos indígenas, a educação de crianças órfãs e a instrução dos colonos. Em 1553, chegou o segundo governador geral, Duarte da Costa, junto com uns outros Jesuítas, dentre eles José de Anchieta. Os religiosos viajavam pelo litoral para evangelização, expandindo o trabalho em Ilhéus, Porto Seguro, Vitória, São Vicente e São Paulo de Piratininga. Eles elaboraram cartilhas e livros para o uso permanente, criando pequenas bibliotecas durante as atividades de ensino-aprendizagem (ERMAKOFF, 2015, p.

38).

Vários mosteiros, conventos, seminários e colégios religiosos surgiram no Brasil nos séculos XVI e XVII, entre eles os Jesuítas. Segundo Ernenkoff (2015), até a segunda metade do século XVIII, as bibliotecas conventuais foram o centro de cultura e formação intelectual dos jovens brasileiros que completavam os estudos em Coimbra. Os superiores dos Conventos permitiam que certo número de consulentes externos tivesse acesso aos livros, passando algumas unidades a abrigar bibliotecas públicas em diversas províncias do país. Ermakoff (2015, p. 39) afirma que isso se deve à estreita relação entre a vida monástica e a leitura. Além disso, muitos monges eram educadores de leigos e precisavam buscar novos conhecimentos.

Os livros somente foram permitidos no Brasil Colônia, a partir de 1549, com o estabelecimento do governo-geral, em Salvador (MAROTO, 2012, p. 43). Essas bibliotecas eram situadas em Conventos sob a coordenação dos padres da Companhia de Jesus. Os livros eram submetidos a três censuras: santo ofício, ordinário (pela Igreja Católica) e a mesa do Desembargo do Paço (pelo Poder Civil). Eram censuradas as obras consideradas obscenas, ofensivas à monarquia, à moral e ao catolicismo. Maroto (2012, p. 45) afirma que as bibliotecas dos conventos eram, praticamente, as únicas controladas pela censura. A autora também afirma que não existia na Colônia um comércio regular de livros e que a única tipografia instalada, em 1747, foi fechada por ordem de Lisboa com ameaças de prisão para os infratores. Além disso, eram proibidas qualquer forma de impressão e aquisição de manuscritos que não vinham de Portugal.

Apesar das severas proibições, existiram algumas boas bibliotecas particulares. Alguns inconfidentes mineiros possuíam notáveis coleções. Tiradentes possuía a coleção de Leis Constitucionais dos Estados Unidos, Cláudio Manoel da Costa juntou 388 volumes e o padre Luís Vieira teve 800 livros arrolados (MILANESI 1988, p. 2 apud MAROTO 2012, p. 45).

Até meados do século XVIII, as instituições religiosas eram as principais mantenedoras administradoras dos colégios e das bibliotecas no Brasil colônia (MAROTO, 2012, p. 46). Em 1759 o Marquês de Pombal expulsa os Jesuítas do Brasil, proíbe a fundação de novos conventos e institui o ensino leigo no país. As bibliotecas foram abandonadas, tiveram os acervos confiscados ou foram dizimadas por pragas e pela falta de conservação. O Marquês de Pombal unificou as três censuras do livro por meio da Real Mesa Censória ao perceber que o sistema antigo não era eficiente. Em 1787, houve uma nova reforma perpetrada pela Rainha D. Maria I ao criar a Real Mesa da Comissão Geral para Exame e Censura dos Livros que vigorou até 1794 (MAROTO 2012, p. 47).

A chegada da família real ao Brasil, em 1808, contribuiu para o crescimento do livro, visto que houve a transferência da Biblioteca Real para a colônia. No entanto, os mecanismos censórios foram acentuados, de acordo com Herkenhoff (apud MAROTO 2012, p. 48) “para impedir a

expansão e fortalecimento de sentimentos nativistas contrários aos interesses da coroa portuguesa.”.

Maroto (2012, p.48) afirma que a Biblioteca Real teve seu acervo acrescido com os livros remanescentes dos primeiros séculos do Brasil e por doações como depósito legal estabelecido por D. Maria I. em Portugal.

A Biblioteca Real foi instalada no Hospital da Ordem Terceira do Carmo, tendo como primeiro responsável o português Luís Joaquim do Santos Marrocos. Em 1814, foi aberta ao público com uma coleção de 60.000 volumes. A Biblioteca Real passou a se chamar Biblioteca Imperial e Pública da Corte, mas somente a partir de 1876, passa a ser chamada de Biblioteca Nacional. Em 1990, foi transformada em fundação de direito público, vinculada ao Ministério da Cultura. Atualmente, ela conta com nove milhões de volumes. É considerada pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) a oitava maior Biblioteca Nacional do mundo e a maior da América Latina.

Para Maroto (2012, p. 51), com a independência do Brasil em 1822, houve redução da censura e o aparecimento de novas revistas, jornais, folhetos e livros. Houve a implantação de novas tipografias, dando acesso a novas ideias antes proibidas pela coroa. A partir de então, foram sendo inauguradas diversas bibliotecas públicas pelo país. No entanto, foi possível verificar o baixíssimo índice de alfabetização dos brasileiros. Inferiu-se que a porcentagem criadora também era a de consumidores de literatura.

A biblioteca pública também experimentou fortes avanços após a instalação da corte portuguesa no Brasil. De acordo com Ermakoff (2015, p. 50), a biblioteca pública da Bahia é considerada a primeira biblioteca pública brasileira. Ela foi fundada, em 1811, com recursos privados em Salvador, passando para o poder público somente em 1822, após a proclamação da independência. Durante esse período, ocorreram inaugurações de bibliotecas públicas em todo o território nacional. No Rio de Janeiro, houve a inauguração, com recursos privados, do Real Gabinete Português de Leitura, em 1837. Inicialmente, essa instituição atendia somente aos seus associados, no entanto, ela passou a atender gratuitamente o público em geral no ano de 1900.

No Rio Grande do Sul, a mais antiga é a biblioteca Rio Grandense fundada em 15 de Agosto de 1846 na cidade de *Rio Grande*, fundada por 21 amantes da leitura liderados por João Barbosa Coelho; ela já esteve localizada em vários endereços da cidade até se estabelecer no antigo prédio da Câmara. Atualmente, existem 50 mil títulos catalogados e cerca de 450 mil itens em suas estantes. Na cidade de Porto Alegre, foi fundada a Biblioteca Pública do Estado em 1871. Ermakoff (2015, p. 173) afirma que o acesso foi franqueado ao público somente no ano de 1877. Em 1906, foi criado o Arquivo Público do estado e a biblioteca foi anexada a sua estrutura administrativa, passando a se chamar Biblioteca Pública Estadual. O poeta Victor Silva ocupou o cargo de diretor

da biblioteca até 1922, dando forma ao novo centro de cultura e organizando o seu acervo. Em janeiro de 1909 a biblioteca foi juridicamente desanexada do Arquivo Público do Estado, permanecendo no prédio até obter sede própria, fato ocorrido apenas em 1915.

Maroto (2012, p. 52) afirma que surgiram bibliotecas populares das associações de trabalhadores com o objetivo de alfabetizar e politizar os trabalhadores. Eles davam cursos e promoviam palestras, conferências e apresentavam peças teatrais.

2.3 A biblioteca escolar no Brasil contemporâneo

Maroto (2012, p. 57) afirma que as bibliotecas contemporâneas não encontram espaço de atuação no tipo de sistema escolar vigente, pois as principais fontes de informações utilizadas são o professor e o livro didático. A autora cita Lourenço Filho ao afirmar que “ensino e biblioteca não se excluem, complementam-se. Uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será, por seu lado, instrumento vago e incerto” (LOURENÇO FILHO, 1944, p. 3-4).

Maroto (2012, p. 58) afirma que os baixos índices em avaliações internacionais de leitura e escrita, bem como as elevadas taxas de evasão escolar refletem o fracasso do sistema escolar brasileiro, visto que ele funciona a partir de reprodução de discursos do professor ao estudante. Afirma que em congressos, seminários e reuniões científicas realizados pelo país, pode-se perceber que a grande maioria das escolas de educação básica não dispõe de espaço adequado para a biblioteca escolar, nem de recursos necessários para cumprirem o papel educativo entre a comunidade escolar. Muitas escolas públicas ignoram o valor que os recursos informacionais da biblioteca têm para o processo de ensino-aprendizagem. Muitas vezes, os espaços das bibliotecas são subdivididos em salas de aula, o que contribui para que as camadas populares da comunidade servida pela escola não tenham acesso ao patrimônio cultural acumulado pela sociedade.

“Silêncio: essa talvez seja a palavra que melhor simboliza a situação real da biblioteca escolar no Brasil.” Com estas palavras, Waldeck Carneiro da Silva abre a obra “Miséria da biblioteca escolar”, publicado, em segunda edição, no ano de 1995. O autor afirma que “quase não se tem notícia de medidas governamentais que visem à elevação das condições de funcionamento das bibliotecas das nossas escolas” (SILVA, 1995, p. 12). Atualmente, esta afirmação não é mais válida, visto que houve a aprovação da Lei nº 12.244/10 que institui a obrigatoriedade de uma biblioteca com bibliotecário em cada escola de ensino básico pública ou particular do país.

No entanto, para Silva (1995, p. 15) muitas bibliotecas atuam como depósitos de livros desatualizados ou até mesmo de vários objetos inutilizados pela escola. Em muitas escolas, a

biblioteca constitui-se de um pequeno armário encostado em um canto, trancado a chave. A biblioteca funciona em horários breves e irregulares, sem proporcionar segurança aos usuários em relação ao horário de funcionamento. Não há preocupação em oferecer atividades e ações culturais. As pessoas que cuidam do acervo são, geralmente, professores afastados por doença, ou que evitam o estresse no “silêncio pacificador” da biblioteca.

Um outro problema para a não utilização da biblioteca escolar pelo professor, segundo Silva (1995, p. 17), relaciona-se às “aulas exclusivamente expositivas ou rigidamente obedientes ao comando do livro didático, por vezes considerado a oitava maravilha do mundo (...)”. O professor deve abrir-se para novas possibilidades de dinâmica escolar. No entanto, isso é difícil tendo em vista a quantidade de conteúdos do currículo que os educadores têm de passar em sala de aula.

Maroto (2012, p. 64) apresenta um outro fator para a má utilização da biblioteca escolar: a utilização do espaço para mera punição a estudantes indisciplinados. Esta atitude acarreta consequências terríveis para o trabalho escolar. A biblioteca é percebida como o espaço chato e desinteressante no cotidiano escolar. Geralmente, estes castigos são acompanhados por tarefas de cópias sobre determinado assunto. Esta é uma forma de utilização pobre da biblioteca.

O fato de os governantes não demonstrarem vontade política para a melhoria de condições da biblioteca escolar se deve, de acordo com Silva (1999, p. 17), à manutenção de sua hegemonia econômica e política. As elites somente colocam à disposição da população a instrução e cultura suficientes para participar do sistema produtivo. O autor afirma que qualquer outro bem cultural tem de ser arrancado pelos movimentos sociais organizados.

Silva (1999, p. 19) afirma que a prática docente predominante nas escolas de ensino fundamental, não contribui para o desenvolvimento da biblioteca escolar. O autor exemplifica que aulas exclusivamente expositivas, rigidamente obedientes ao comando do livro didático impedem a participação de outros elementos no processo ensino-aprendizagem. O autor conclui que há poucas ocasiões para a utilização da biblioteca escolar. Silva (1999, p. 19) afirma ainda que poucos professores frequentam a biblioteca. Eles justificam as ausências ao argumentar que faltam recursos na biblioteca, que ela está desatualizada ou que está sempre fechada. O autor rebate esses argumentos, perguntando porque os professores não desenvolvem projetos para incluir a biblioteca no cotidiano escolar. Agindo dessa forma, os professores demonstrarão interesse em formar pessoas críticas e capazes de, sob orientação, construir os seus próprios conhecimentos.

No entanto, ainda de acordo com Silva (1999, p. 21), o problema não pode ser reduzido a falta de vontade do professor em visitar a biblioteca por comodismo. Existem neste fato questões mais profundas: a formação acadêmica e as condições de trabalho de professor no Brasil. Os livros de didática mais indicados nos cursos de licenciatura não mencionam a biblioteca escolar como

espaço pedagógico. Nem mesmo as condições de trabalho favorecem a inclusão da biblioteca escolar no planejamento pedagógico do professor. Muitos profissionais têm mais de um emprego e até desenvolvem outras atividades além de professor, como consequência dos baixos salários recebidos pela classe. Silva (1999, p. 22) afirma que essa situação dificulta uma maior reflexão do professor sobre sua prática docente, as possibilidades de aprimorá-la, de torná-la mais dinâmica, mais rica, mais instigante e prazerosa para os alunos e para si mesmo.

Silva (1995, p. 47) afirma que tal situação pode aparentar que “(...) temos a impressão de que, no Brasil, a biblioteca escolar é concebida como dispensável para o processo de educação formal (...)”. Para ele, este é um perverso equívoco ante as reduzidas taxas de escolarização e elevadas taxas de analfabetismo no país, sendo elas mesmas um forte obstáculo ao uso de bibliotecas. Além disso, mesmo com tantos problemas, o autor afirma que do ponto de vista pedagógico, a biblioteca permite que o professor não seja a única fonte de informação disponível, sujeitando o aprendiz às suas crenças e preconceitos.

Silva (1995, p. 50) cita os fatores que dificultam a utilização da biblioteca nas escolas brasileiras e os diferencia em dois grupos: extrabibliotecários e intrabibliotecários. Os primeiros têm sua origem fora da biblioteca escolar, enquanto os segundos têm origem na estrutura e no funcionamento da própria biblioteca e na atuação do bibliotecário escolar.

Fatores extrabibliotecários:

- falta de tradição ou consciência bibliotecária – reforçada historicamente pela falta de políticas culturais. Caracterizada pela desvalorização de produções culturais do povo e entraves à popularização da leitura, do livro e da biblioteca. A falta de política cultural provoca o analfabetismo, a crise da leitura, a evasão e repetência escolar;
- valorização excessiva dos bens materiais em detrimento do valor moral e intelectual;
- leitura como atividade ligada ao ócio;
- inabilidade de utilizar racionalmente os recursos informativos. Nesse sentido, Silva (1999, p. 54) ilustra com pesquisa realizada por Rosa (1982), em que os alunos de graduação do curso de História da Universidade Federal Fluminense revelaram baixíssimo grau de competência para utilizar os recursos informacionais da biblioteca. Outra pesquisa que ilustra tal situação é a de Teixeira (1983), em que o pesquisador, ao trabalhar com alunos de pós-graduação, observou que eles não sabiam como utilizar corretamente os recursos de informação. Além disso, os mestrandos nunca haviam recebido qualquer orientação sobre a utilização racional da biblioteca;
- organização do trabalho na escola e a atuação do professor – a escola impõe quase um trabalho mecânico aos alunos com aulas predominantemente expositivas e provas como

avaliação da aprendizagem. Isso não instiga o aluno a procurar a biblioteca escolar como fonte de prazer pela leitura;

- formação dos professores, que não toma a leitura como objeto de estudos – a leitura não é vista como atividade de produção de conhecimento. Não há o debate sobre a leitura com esta perspectiva e os professores em formação perdem oportunidades de vivenciar a utilização da biblioteca escolar como importante fonte de pesquisa;
- utilização de apostilas e cópias xerocadas – estas técnicas de acesso à informação atrapalham ou até impedem a utilização da biblioteca como fonte de informação uma vez que o aluno tem tudo o que precisa para fazer o mínimo necessário para passar de ano.

Fatores intrabibliotecários:

- biblioteca em espaço inadequado – geralmente, as bibliotecas ficam em um canto esquecido, quase não utilizado na escola. São locais mal iluminados e desconfortáveis. Isso desestimula a frequência dos usuários na biblioteca;
- acervo pobre e desatualizado – as bibliotecas escolares, geralmente, não dispõem de recursos fartos para compra de materiais informacionais. Assim, a biblioteca fica sem novidades para atrair os usuários. Outro fator é a ausência de política de seleção. Isso faz com que a biblioteca não tenha critérios para incorporar as doações que, usualmente, são parte do lixo do qual os doadores querem se ver livres de suas casas. A biblioteca é vista como depósito de livros e não como disseminadora de informação;
- utilização de códigos de classificação complicados – a aplicação de notações enormes dificulta a frequência de usuários porque faz com que ele se perca entre as estantes. Isso desestimula a próxima visita.
- regulamentos rígidos – horários de funcionamento que não correspondam ao horário dos alunos, dificuldade em tomar emprestados itens do acervo; o acesso às estantes muitas vezes é vetado pela biblioteca porque os alunos “desarrumam” as estantes;
- comportamento passivo ou excessivamente técnico do pessoal que trabalha na biblioteca escolar – grande parte das pessoas que trabalham nas bibliotecas escolares são professores remanejados que desejam a paz e a tranquilidade em trabalhar em uma biblioteca. Por isso, não desejam uma biblioteca ativa, onde circule as informações. Até mesmo o bibliotecário pode ser um empecilho na correta utilização da biblioteca, exigindo constantemente o silêncio e não permitindo que os alunos acessem as estantes para não bagunçar o acervo. Além do mais, existem os bibliotecários que não criam ou oferecem atividades e serviços

para dinamização da biblioteca;

- cursos de graduação em biblioteconomia extremamente tecnicistas.

Maroto (2012, p. 75) afirma que a biblioteca escolar, ao assumir o verdadeiro lugar como centro dinamizador da leitura e difusor do conhecimento, constitui a primeira oportunidade concreta de acesso ao patrimônio científico e cultural para a maioria das crianças brasileiras. Para tanto, a biblioteca precisa contar com uma boa infraestrutura informacional, espaços adequados e profissionais qualificados, além de oferecer propostas inovadoras para o desenvolvimento da leitura e da pesquisa, ampliando o campo de debates em sala de aula.

Maroto (2012, p.76) afirma que é necessário haver um planejamento coletivo na atuação da biblioteca escolar. Essa ação exige a atuação multidisciplinar entre bibliotecários, auxiliares de biblioteca, pedagogos e professores de todas as áreas e séries da escola. Essa equipe tem a função de definir os serviços e as atividades de prática e de produção de leitura desenvolvidos ali. Para que isso ocorra, a autora sugere que os bibliotecários realizem um trabalho de sensibilização e conscientização quanto à função e à valorização da biblioteca, inclusive sobre a importância da utilização e exploração dos recursos informacionais disponibilizados em seu acervo.

O estudante é o elemento mais importante de uma biblioteca escolar pois ele é o leitor em formação. Maroto (2012, p. 76) afirma que é pensando em seus interesses e aspirações que a biblioteca deve ser planejada. Muito embora, na maioria das vezes, isso não aconteça porque as bibliotecas não recebem recursos suficientes e adquirem seus acervos por meio de doações.

Maroto (2012) afirma que o planejamento do ensino junto com os bibliotecários pode romper com o ensino dogmático praticado por professores na sala de aula. Além da comunidade interna, é importante, segundo a autora, que a biblioteca também conquiste a comunidade externa, a fim de trazer pais e outros familiares dos estudantes à reflexão sobre questões de dinamização e valorização da biblioteca escolar. Para que isso ocorra, é necessária a realização de mais um trabalho de sensibilização a respeito da importância de tal espaço pedagógico. A realização do planejamento dialogado, de acordo com Maroto (2012, p.78), poderá contribuir para que sejam buscados novos caminhos para a satisfação das necessidades informacionais escolares, culminando com o rompimento da figura do professor como aquele que produz conhecimento e os estudantes como reprodutores do ensino dogmático.

Maroto (2012, p. 79) afirma que para que a biblioteca escolar seja convidativa, deve ter objetividade e simplicidade na organização dos catálogos e na disposição dos livros. Deve evitar, portanto, o tecnicismo burocratizante e garantir que todos tenham acesso aos recursos disponíveis e às informações desejadas.

Silva (1995, p. 66) afirma que é comum atribuir às bibliotecas escolares objetivos como o de

apoio, suporte ou auxílio ao trabalho do professor feito em sala de aula. O autor defende que esse pensamento é inadequado pois essas palavras passam a impressão que a biblioteca escolar aguardaria passiva, imóvel o momento que a comunidade necessitasse de apoio.

A biblioteca escolar constitui a primeira oportunidade concreta de acesso ao patrimônio científico e cultural para a maioria das crianças brasileiras ao ingressarem na escola pública de ensino fundamental. Para Silva (1995, p. 67), muitas delas serão expulsas do sistema escolar mesmo antes de terem completado o ensino obrigatório pela lógica excludente das classes mais populares.

Silva (1999, p. 68) cita Rodrigues (1983) ao afirmar que há três aspectos na luta pela democratização da escola. Em primeiro, a **democratização dos processos administrativos e pedagógicos na escola pública brasileira**, por exemplo, como se observa pela eleição direta dos diretores das escolas públicas e aplicação das verbas públicas exclusivamente nas escolas públicas. Outro aspecto seria a **ampliação das vagas na escola pública** até que toda a demanda seja atendida. Além disso, é necessário a **autonomia dos educadores para a escolha de conteúdos e métodos**. Em relação ao último quesito, é que se situa o campo de atuação da biblioteca escolar. A biblioteca escolar atuaria na democratização do acesso ao conhecimento ao permitir que o professor não seja a única fonte do saber. A biblioteca seria um recurso contra o ensino dogmático e possibilitaria ao estudante ser um produtor do conhecimento, não somente um reproduzidor.

A biblioteca escolar tem a responsabilidade de proporcionar uma experiência positiva aos estudantes da escola em que está inserida, pois a partir deste contato inicial é que será desenvolvido o olhar que a criança terá a respeito das bibliotecas ao longo da vida. Silva (1995, p. 69) elenca alguns exemplos de más experiências com a biblioteca: imposições, proibições, desconforto, padronizações de gosto e buscas fracassadas. Outro aspecto é que este encontro deverá ocorrer o mais cedo possível na vida da criança para que possa criar um hábito e gosto pela leitura.

Silva (1999, p. 69) afirma que o contato das crianças com os livros deve ocorrer o quanto antes. A biblioteca escolar tem responsabilidade de promover a educação continuada dos usuários, pois quando os estudantes são desligados do sistema de educação, eles apresentarão competências informacionais para se adaptarem bem ao cotidiano da sociedade atual. Defende ainda que a biblioteca escolar atue na formação de personalidades críticas, criativas e dinâmicas, pois a partir do contato com o acervo, os estudantes podem conhecer pontos de vistas diversos dos apresentados em sala de aula pelo professor. Deve-se ressaltar que o professor tem papel fundamental na promoção da leitura e frequência à biblioteca escolar, por isso é importante, segundo o autor, que os docentes sejam também leitores e frequentadores assíduos da biblioteca.

2.4 O bibliotecário escolar visto como educador

Silva (1995, p. 75) afirma que toda a comunidade escolar tem responsabilidades com a biblioteca da escola. As atividades desenvolvidas nesse espaço precisam estar de acordo com os interesses da clientela e articuladas com o trabalho desenvolvido pelo professor. O bibliotecário escolar precisa transformar a biblioteca em um espaço democrático, de reflexão e participação para todos os segmentos da escola, sem esquecer a comunidade em geral em que está inserida.

Silva (1999, p. 77) afirma que o bibliotecário escolar é um verdadeiro educador. Esse profissional deve orientar os estudantes na utilização da biblioteca e despertar o gosto pela leitura. Outro papel desempenhado pelo bibliotecário escolar é a participação ativa no planejamento didático do professor, pois assim poderá orientar com mais objetividade a inserção da biblioteca no processo ensino-aprendizagem da escola. Além disso, deverá apresentar ao professor as alternativas informacionais existentes na biblioteca.

O bibliotecário escolar necessita conhecer a fundo os usuários da biblioteca, especialmente, as necessidades informativas. Para tanto, o bibliotecário precisa ter um aguçado senso de observação a fim de que não somente o acervo seja profundamente conhecido mas, sobretudo, a comunidade de usuários a que serve (SILVA, 1999, p. 80).

A formação do bibliotecário escolar precisa estar alicerçada em conceitos filosóficos, sociológicos e históricos para que exercite uma crítica profunda ao aparelho escolar. Portanto, outro componente formativo necessário ao bibliotecário escolar é o conhecimento pedagógico por possibilitar que ele tenha consciência do caráter educativo de sua ação (SILVA, 1999).

Há autores que compartilham uma visão diferente. Em relação a isso, a visão de Waldeck Carneiro da Silva (1995) sobre o papel pedagógico do bibliotecário na escola se restringe à orientação na utilização da biblioteca, à promoção do gosto pela leitura e ao auxílio aos professores com suporte bibliográfico ao planejamento das aulas. Contudo, bibliotecários vêm empreendendo esforços para que haja uma ampliação dessa visão, como a implantação de programas de letramento informacional.

Cunha e Cavalcanti (2008) definem letramento informacional como “o conjunto de competências que uma pessoa necessita para identificar a informação, manipular fontes de informação, elaborar estratégias de busca e localizar a informação, bem como avaliar as fontes de informação”. Desde 1998, a *American Association of School Librarians (AASL)* produziu o *Information Power* que é um documento que traça diretrizes que avaliam o grau de competência informacional de uma pessoa. Esse documento, segundo Campello (2009, p. 21), define nove parâmetros de letramento informacional, cobertos por segmentos:

- **competência informacional**

acessa informação de forma eficiente e efetiva
avalia informação de forma crítica e competente
usa informação correta e produtivamente

- **aprendizagem independente**

procura informação relacionada a assuntos de interesse pessoal
aprecia literatura e outras expressões criativas da informação
empenha-se pela excelência na busca de informação e na geração de conhecimentos

- **responsabilidade social**

apresenta conduta ética com respeito à informação e às tecnologias de informação
participa efetivamente em grupos de procura e geração de informação

Para Campello (2009, p. 22), o *information power* fundamenta-se no conceito de sociedade da informação e em teorias construtivistas, em que a habilidade de usar informação é o ponto chave para a aprendizagem independente ao longo da vida. A autora afirma que a grande variedade de suportes informacionais exige do estudante o domínio de habilidades informacionais para que a aprendizagem seja possível. O *Information Power* estabelece que o bibliotecário escolar deve se fundamentar em três ideias durante o processo de ensinar habilidades informacionais: colaboração, liderança e tecnologia.

A **colaboração** é o envolvimento do bibliotecário com os professores no planejamento, na implementação e na avaliação das atividades relacionadas com a biblioteca. O papel do bibliotecário é ser o catalisador da colaboração com ações entre professores e alunos, com o objetivo de criar uma cultura de colaboração na escola.

A autora (2009, p. 25) afirma que o bibliotecário precisa exercer uma **liderança** mais visível na escola, esclarecendo a natureza da aprendizagem na sociedade contemporânea e a importância da integração do conceito de Letramento Informacional no currículo da escola, proporcionando maior utilização didática da biblioteca escolar. O bibliotecário também deve estar atento às necessidades educacionais para formação continuada do corpo docente.

Além disso, o *Information Power* vê o bibliotecário como líder no uso de **tecnologias** na escola, especialmente ao planejar estratégias didáticas que usam tecnologia no sentido de integrar pessoas e aprendizagens com as tecnologias disponíveis. É importante que os alunos aprendam a usar a tecnologia de forma ética e responsável.

Campello (2009, p. 28) afirma que bibliotecários precisam fomentar o gosto pela leitura nos estudantes, além de ensinar a usufruir dos recursos e serviços da biblioteca (utilização do catálogo, conhecimento do sistema de classificação utilizado, etc.). Para ela, a pesquisa é uma competência

ensinada pelos bibliotecários. Os estudantes aprendem a selecionar e usar as fontes de informação, normalizar trabalhos científicos, conhecer as partes do trabalho, resumir textos, fazer citações e referências.

A autora conclui que embora o bibliotecário não tenha responsabilidades semelhantes ao professor com a educação formal do estudante, o profissional da biblioteca ensina diversas habilidades no momento em que os estudantes frequentam a unidade de informação da escola. Isso contribui para aumentar a capacidade de pesquisa, preparando-os para a realização de trabalhos similares no futuro.

Para o bibliotecário ser reconhecido como educador, precisa cultivar uma relação estreita com a equipe pedagógica da escola. Campello (2009, p. 53) sugere que os profissionais da biblioteca estejam presentes na vida escolar ao participar de reuniões pedagógicas e de planejamento de projetos e da elaboração curricular.

Campello (2010, p. 189) afirma que o papel do bibliotecário pode ser exercido em vários níveis. A autora usa a hierarquia de Kuhlthau (1996) para mostrar que no nível mais elementar o bibliotecário tem função organizadora. Isto é, quando o profissional da informação somente organiza os recursos bibliográficos para uso, limitando-se à explicação do acesso às informações na forma de folhetos ou textos explicativos. No segundo nível, o bibliotecário é o palestrante, reunindo os alunos para explicar, genericamente, o funcionamento da biblioteca. No terceiro nível, o bibliotecário é o instrutor. Esclarece os alunos sobre o uso de alguns recursos informacionais, geralmente relacionados ao assunto tratado em sala de aula com o professor. No quarto nível, o bibliotecário em tutoria ensina a localização e o uso de fontes de informação. O ensino fica restrito à localização de fontes e das etapas de busca sem interpretar as informações reunidas. No quinto nível, o bibliotecário é o orientador. Ele ensina os alunos a entender as informações buscadas para a solução das tarefas escolares.

2.5 Letramento informacional

Após a explosão informacional, os bibliotecários trabalharam para tornar as informações disponíveis à consulta, implantar sistemas e aperfeiçoar técnicas que tornassem a informação acessível com maior rapidez possível (GASQUE, 2012, p. 25). O mundo tornou-se globalizado e mais curto, as informações tornaram-se disponíveis quase que em tempo real.

Essa nova era informacional exige nova forma de pensar e agir. Neste sentido, o ensino escolar precisa ser reformulado, pois não há mais espaço para o ensino tradicional em que o professor é o detentor do saber e os estudantes meros receptores e reprodutores dos conteúdos. Não

há como negar que os aprendizes estão a um toque da confirmação ou confrontação das informações transmitidas pelos professores em sala de aula. Com isso, o exercício do magistério tornou-se mais desafiador, uma vez que se faz necessário levar conteúdos novos e interessantes e sob diversos pontos de vista (GASQUE, 2012, p. 25).

Esse novo paradigma da informação trouxe a necessidade de desenvolver o que foi denominado Letramento Informacional (LI). Gasque (2012, p. 26) afirma que o termo LI foi criado por Paul Zurkowski, em 1974, e mencionado no relatório *The information service enviroment relationships and priorities*¹. Em 1998, a AASL² e a AECT³ publicam um documento detalhando as competências e os indicadores a serem desenvolvidos pelos aprendizes da educação básica. Em 2000, a *Association of College and Research Library* (ACRL) definiu os elementos característicos do letramento informacional, o papel educacional das bibliotecas e a importância dos programas educacionais para a capacitação dos estudantes (GASQUE, 2012)

Segundo Campello (2009, p. 12), o termo letramento informacional foi usado pela primeira vez nos Estados Unidos, na década de 1970, como reação ao documento “*A nation at risk*”, que descrevia a situação educacional americana. Não havia *a priori* relação com a biblioteca como recurso pedagógico. A autora explica que o LI implica que as pessoas tenham capacidade de entender as necessidades de informação e de localizar, selecionar e interpretar informações, utilizando-as de forma crítica e responsável.

Gasque (2012, p. 27) afirma que o Letramento Informacional desperta grande interesse de pesquisadores por possibilitar a melhoria da aprendizagem. Além disso, é necessário o desenvolvimento de projetos para efetivar as competências informacionais, uma vez que existe dificuldade crescente em buscar e usar a informação em um mundo informacional desorganizado.

Para Campello (2009, p. 11), o papel educativo do bibliotecário na escola referia-se à promoção da leitura, mas, atualmente, a atribuição se amplia para o uso mais eficiente dos recursos informacionais na aprendizagem. A autora afirma que quando a escola baseia seus atos pedagógicos em bases psicológicas construtivistas há maior espaço para a pesquisa e desenvolvimento do Letramento Informacional nos estudantes. Essa ação, segundo Campello (2009), terá como fim estudantes preparados para lidar com a diversidade de informações e a construção da autonomia e criticidade na aprendizagem.

Gasque (2012, p. 28) define Letramento Informacional como o processo de desenvolvimento de competências para localizar, selecionar, acessar, organizar, usar informação e gerar

¹ Documento que propunha a adoção, em âmbito estadunidense, do letramento informacional como ferramenta de acesso à informação.

² *American Association of School Librarians*

³ *Association for Educational Communications and Technology*

conhecimento, visando à tomada de decisão e à resolução de problemas. A autora (2012, p. 30) afirma que o termo letramento foi bastante utilizado no campo da educação, emergindo em vários trabalhos desde a década de 80.

A autora explica a diferença entre os termos relacionados. Na área pedagógica, alfabetização corresponde ao processo de aquisição de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever. Ao passo que letramento refere-se ao domínio efetivo e competente da escrita no cotidiano para atingir diferentes objetivos. Gasque (2012, p. 32) afirma que ao comparar esses termos, pode-se compreender a alfabetização informacional como competências que envolvem o conhecimento básico dos suportes de informação, a noção da organização do dicionário, saber buscar um livro pelo número de chamada, consultar um índice e sumário, dominar as funções básicas de um computador. Já o letramento informacional é evidenciado na capacidade de buscar e usar a informação eficazmente, por exemplo, identificando palavras sinônimas no dicionário, produzindo trabalhos científicos para submissões, obtendo informações apropriadas sobre determinada doença. Gasque (2012, p. 33) conclui que a essência do letramento informacional consiste no engajamento do sujeito no processo de aprendizagem, a fim de desenvolver competências e habilidades necessárias para buscar e usar a informação de modo eficiente e eficaz.

Campello (2009, p. 31) afirma que o letramento informacional ocorreu como evolução dos trabalhos de referência nas bibliotecas. Inicialmente, a biblioteca aguardava os usuários se dirigirem ao balcão de referência com questões para serem respondidas. Em seguida, há a concepção de educação de usuários que tem se caracterizado por ser proativo pois vai ao encontro dos usuários por meio de cursos e palestras, visitas guiadas, difundindo o conhecimento e atingindo um número maior de pessoas.

Campello (2009, p.32) afirma que Jesse Shera foi um dos primeiros teóricos da Biblioteconomia a defender a faceta pedagógica do bibliotecário. O teórico citado entendia que o usuário podia aprender com a informação e considerava o bibliotecário como o mediador entre o usuário e a informação. Shera enfatizou a necessidade de construir uma base de conhecimentos para compreender melhor como o usuário aprende com a informação. Ainda segundo Campello (2009), Shera pode ser considerado pioneiro ao estudar como as pessoas aprendem por meio da informação, possibilitando o embasamento teórico do bibliotecário visto como mediador.

Campello (2009, p.33) afirma que atualmente, a pesquisadora com maior influência nas questões de Letramento Informacional é Carol Kuhlthau, que desenvolveu o modelo chamado *Information Search Process*. Seus estudos foram iniciados quando ela era bibliotecária de uma escola de Ensino Médio nos Estados Unidos e se fundamentaram nos trabalhos de John Dewey, Jerome Bruner e George Kelly. Ela observou que os alunos da escola se mostravam hesitantes,

pouco seguros e confusos sobre como usar uma biblioteca. O modelo é composto de seis estágios:

- Início do trabalho – reflexão sobre a tarefa proposta e identificação de tópicos ou questões para pesquisar;
- seleção do assunto – escolha do tema de pesquisa;
- exploração de informações – percepção de inconsistências e incompatibilidade nas informações encontradas;
- definição do foco – aquisição de perspectiva focalizada a partir das informações do estágio anterior;
- coleta de informações – reunião e documentação de informações a partir do foco;
- apresentação dos resultados e avaliação do processo – finalização do trabalho e apresentação ao professor. Posteriormente, há a revisão e avaliação de todo o processo, refletindo sobre suas aprendizagens.

Campello (2009, p. 35) cita outra vertente de estudos que procura identificar e compreender as características da pessoa competente no uso da informação. A autora nomeia duas pesquisadoras representantes: Christina Doyle e Christine Bruce.

Segundo Campello (2009, p. 36), Doyle elaborou uma definição para Letramento Informacional e especificou atributos que evidenciam a competência em informação. Para Doyle, letramento informacional é a habilidade de acessar, avaliar e usar informação a partir de uma variedade de fontes. A pessoa letrada informacionalmente evidencia-se por:

- Reconhecer a necessidade de informação;
- reconhecer que informações exatas e completas são a base para a tomada de decisões inteligentes;
- formular questões baseadas na necessidade de informação;
- identificar fontes de informação potenciais;
- desenvolver estratégias de busca apropriadas;
- acessar fontes de informação, inclusive as eletrônicas;
- avaliar informações;
- organizar informações para aplicações práticas;
- integrar novas informações ao corpo de conhecimentos existente;
- usar informações para pensar criticamente e para solucionar problemas.

Os estudos de Doyle exerceram muita influência para a construção do documento *Information Power*, que definiu as diretrizes para o letramento informacional nos Estados Unidos.

Bruce, de acordo com Campello (2009) criou um modelo que trata o letramento informacional como um fenômeno de interação intensiva com os recursos informacionais, que usam

a informação de forma competente. Segundo Campello (2009, p. 37) as concepções de letramento não são atributos individuais de habilidades e atitudes frente a informação, mas são as diferentes relações entre usuário e informação. Essas relações são:

- Experiência da tecnologia da informação: o letramento informacional é concebido como a prática de usar tecnologia para recuperar informações e se comunicar;
- experiência das fontes de informação – o letramento informacional é experimentado como a capacidade de buscar informações em fontes apropriadas;
- experiência do processo de informação – o letramento informacional é experimentado como a capacidade de implementar processos de busca de informação, de reconhecer a necessidade de informação em determinadas circunstâncias e de usar as informações encontradas para resolver um problema ou tomar uma decisão;
- experiência do controle da informação – o letramento informacional é experimentado como a ação de encontrar informações relevantes e de gerenciá-las ou manipulá-las para torná-las recuperáveis, utilizando determinados instrumentos ou estratégias;
- experiência de construção do conhecimento – o letramento informacional é experimentado como a capacidade de construir uma base pessoal de conhecimento em novas áreas de interesse;
- experiência da extensão do conhecimento – o letramento informacional é vivenciado como a capacidade de trabalhar na perspectiva de conhecimento pessoal, de tal forma que resulta geralmente no desenvolvimento de ideias originais ou soluções criativas;
- experiência da sabedoria – o letramento informacional é percebido como o uso de informações de forma sábia, para benefício de outros.

3 METODOLOGIA

Pesquisa social pode ser compreendida como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de métodos científicos. A pesquisa social pode ser compreendida, grosso modo, como o processo que utiliza metodologia científica e permite obter novos conhecimentos da realidade social. Há dois tipos de pesquisa: a pura e a aplicada. A primeira busca o progresso da ciência, desenvolvendo os conhecimentos científicos sem a preocupação com suas aplicações e consequências práticas. Ao passo que a pesquisa aplicada depende das descobertas da pesquisa pura e sua preocupação está mais voltada para a aplicação imediata numa realidade circunstancial (Gil, 2014).

Este estudo teve como objetivo “analisar a interseção entre a biblioteca escolar e o ambiente pedagógico.” e foi desenvolvido sob o delineamento de uma pesquisa bibliográfica, e posteriormente, análise textual. Gil (2014, p. 50) afirma que esse tipo de pesquisa é feita a partir de material já elaborado, principalmente livros e artigos científicos. A principal vantagem desse tipo de estudo é que ela permite a cobertura mais ampla dos fenômenos sociais. Portanto, foram parte da pesquisa: 1) situar historicamente a biblioteca escolar, 2) expor o problema atual das bibliotecas escolares no Brasil, 3) explicar a importância do componente pedagógico na biblioteca escolar e 4) apontar possíveis soluções para o cotidiano da biblioteca escolar.

Para tal fim, a revisão de literatura tratou do conceito de biblioteca, histórico das bibliotecas no Brasil, a biblioteca escolar no Brasil contemporâneo, o bibliotecário escolar visto como educador e letramento informacional.

A técnica utilizada para a elaboração deste trabalho foi a análise de literatura. O estudo é descritivo, pois visou descrever as melhores práticas da biblioteca escolar. A abordagem é qualitativa, isto é, envolve uma aproximação interpretativa do problema investigado. O tipo de pesquisa é básico, pois não requer aplicação imediata dos resultados do estudo. Para a pesquisa bibliográfica foram buscadas fontes relevantes para a coleta de material para a análise da interseção entre a biblioteca escolar e o ambiente pedagógico. Como técnica de análise de dados foi utilizada a análise e sumarização do conteúdo textual. A pesquisa bibliográfica foi realizada no âmbito do Brasil e não teve intenção de ser exaustiva. Para tanto, foram pesquisados livros e artigos científicos, versando sobre a biblioteca escolar, educação e ações pedagógicas que o bibliotecário pode exercer em sua prática cotidiana.

4 ANÁLISE DA LITERATURA

Esta parte do trabalho apresenta a discussão sobre as questões apresentadas na revisão de literatura, de acordo com os objetivos propostos. O primeiro deles refere-se à situação da biblioteca escolar na história e foi apresentado na revisão de literatura desenvolvida no capítulo 3.

Como argumentou-se ao longo do trabalho, o serviço cotidiano do bibliotecário na biblioteca escolar foi consideravelmente ampliado. Anteriormente, esse profissional era visto como o guardião do acervo e o censor de mau comportamento de usuários barulhentos. Essa visão ultrapassada permitia que qualquer pessoa tomasse posse do cargo reservado ao bibliotecário nas bibliotecas. Isso fazia com que as unidades de informação na escola não influíssem no fazer pedagógico da escola. Atualmente, com a proposta do Letramento Informacional, o bibliotecário exerce outras funções, além de verificar a existência de um recurso informacional no acervo e entregá-lo ao usuário solicitante. Ele deve estar inserido no processo educacional e orientar como os usuários devem lidar com a informação de maneira geral, não só na biblioteca, mas além dela. Por esse motivo, é imprescindível que o profissional bibliotecário conheça as necessidades informacionais da comunidade escolar, inclusive participando ativamente de reuniões de planejamento pedagógico.

O PROBLEMA ATUAL DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES NO BRASIL

O ensino sem livros, sem bibliotecas ou outras fontes de informação além do professor em sala de aula, traz implícita a ideia de que somente o professor possui capacidade e sabedoria válidas para a aprendizagem do estudante. Maroto (2012) afirma que no atual sistema de ensino existem poucas oportunidades de utilização da biblioteca da escola no cotidiano escolar. O bibliotecário precisa fazer com que a biblioteca da escola esteja presente no dia a dia da escola, ensinando os benefícios da utilização pedagógica da biblioteca escolar.

Maroto (2012, p. 58) afirma que a baixa qualidade de utilização da biblioteca escolar no Brasil provoca baixíssimos índices em avaliações internacionais como o *Programme for International Student Assessment* (PISA), por exemplo. Essa avaliação é trienal e avalia os sistemas educacionais ao redor do mundo testando várias habilidades, entre elas, a leitura. A figura 1, na próxima página, dá uma visão geográfica do resultado brasileiro na leitura.

Silvestre Estela (2015, p. 16) afirma que os resultados do PISA revelam que os estudantes brasileiros pioraram na habilidade de leitura somando 410 pontos, ou seja, dois a menos que a pontuação alcançada anteriormente. A marca do Brasil nessa habilidade fica 86 pontos abaixo da média de outros países avaliados pela prova. Com isso, o Brasil fica em quinquagésima quinta posição em um total de 65 países participantes do programa. Esse resultado, segundo Silvestre

Estela (2015), indica que estudantes brasileiros não são capazes de deduzir informações do texto, de estabelecer relações entre diferentes partes do texto e não conseguem compreender o texto.

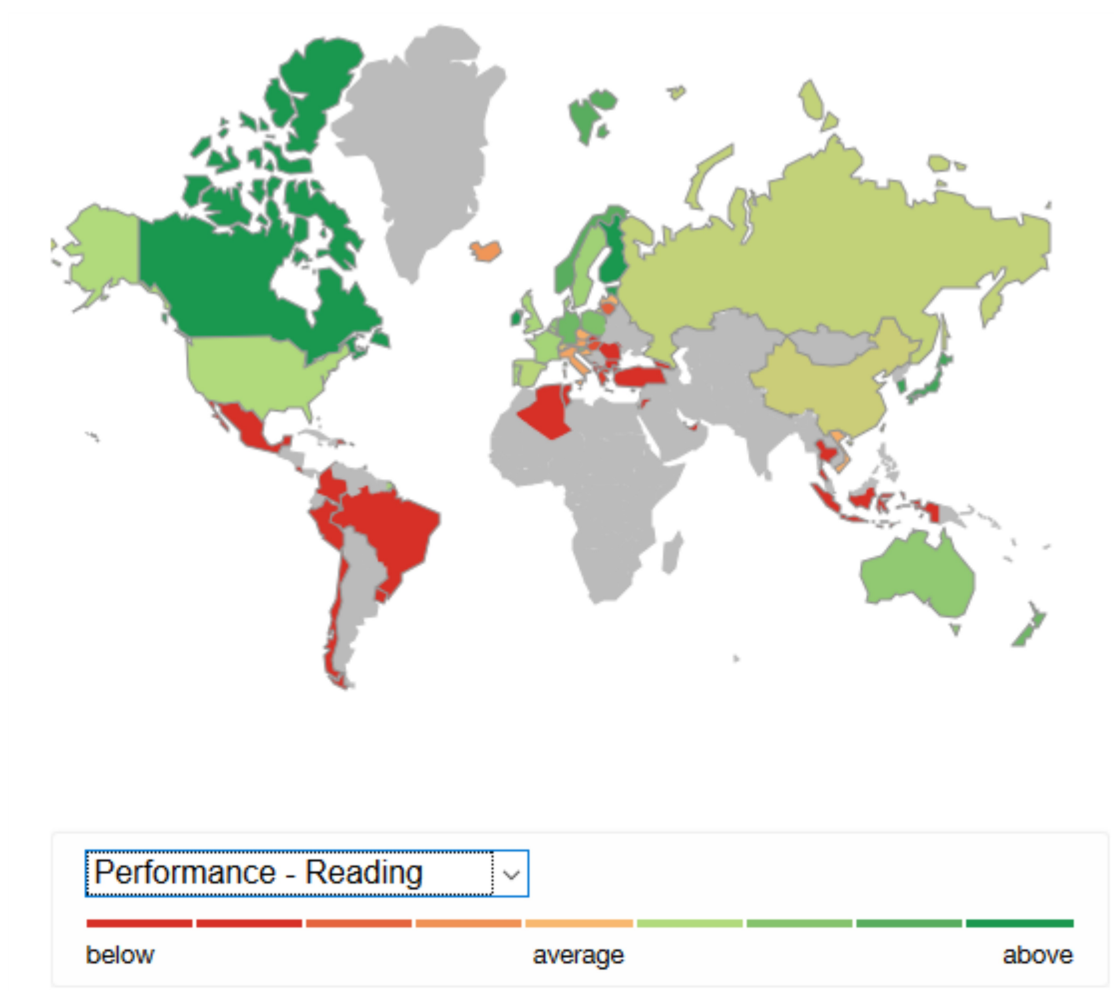


Figura 1

O desafio do incentivo ao hábito da leitura no Brasil pode ser evidenciado por meio da pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”. O estudo foi realizado, em sua quarta edição, entre os dias 23 de novembro e 14 de dezembro de 2015. Em uma perspectiva quantitativa com abrangência nacional, a pesquisa entrevistou 5012 pessoas alfabetizadas ou não com 5 anos ou mais.

Do total de entrevistados, 52 % eram do sexo feminino, a maioria tinha entre 50 e 69 anos de idade com escolaridade declarada de Ensino Médio. 73 % da amostra não estuda atualmente sendo que a maioria dos que estudam estão no Ensino Fundamental.

A pesquisa define leitor como aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses. 56 % da amostra se declarou leitora. A principal motivação para a leitura de livros tem sido o gosto para ler e o lugar preferido para a leitura é em casa, seguido da biblioteca. A biblioteca da escola ou da faculdade está no primeiro lugar das bibliotecas. Em relação às barreiras para a leitura, a maioria da amostra alegou falta de tempo. O segundo motivo mais frequente entre

os não leitores é o não gosto pela leitura. Entre os leitores a maior razão para não ter lido mais é a falta de tempo. Sobre as dificuldades para ler, a maioria alegou que não tem dificuldade nenhuma, seguido de não tem paciência para ler; o terceiro lugar ficou com lê muito devagar.

Quanto à percepção e uso de bibliotecas, para a maioria (71%) a biblioteca é um lugar para pesquisar e estudar seguido de um lugar para emprestar livros. Para amostra da pesquisa, a biblioteca deixou de ser um lugar voltado para estudantes, visto que em 2011 essa era a percepção para 28 % e em 2015 essa foi a opinião de 26 % dos entrevistados. Existem bibliotecas públicas na região de moradia de 55% da amostra. 66% dos entrevistados não costuma ir a bibliotecas. A biblioteca escolar ou universitária é o tipo mais utilizado (64% da amostra). O estudo e a pesquisa são os maiores motivadores para ir a bibliotecas (para 65% da amostra).

Sobre as bibliotecas escolares e universitárias, 89% dos que estão estudando atualmente confirmam a existência de biblioteca na escola ou faculdade. 90% afirma que pode frequentá-la quando quiser. A maior frequência de biblioteca na instituição de ensino é no ensino superior (com 94%) e o nível de ensino com menor frequência é o Ensino Fundamental I.

Além dos problemas da leitura e questões afins que decorrem da situação, de acordo com a literatura revisada no trabalho, as dificuldades identificadas em relação à biblioteca escolar são:

- Bibliotecas sem infraestrutura adequada;
- bibliotecas sem Bibliotecários;
- ensino tradicional;
- professores sem formação adequada;
- falta de consciência da comunidade sobre o valor da biblioteca.

A IMPORTÂNCIA DO COMPONENTE PEDAGÓGICO NA BIBLIOTECA ESCOLAR

Campello (2009, p.18) afirma que a função educativa do bibliotecário não se concretizou, apesar de estar presente no discurso bibliotecário desde a década de 1960. Campello (2009, p. 19) afirma que o bibliotecário escolar tem a função de democratizar a informação, capacitar as pessoas para o uso crítico da informação, proporcionar condições que permitam a reflexão, a crítica e a construção de ideias por meio da leitura. Essa não tem sido a prática majoritária das bibliotecas escolares brasileiras.

Segundo Campello (2009, p. 20), é possível notar que a prática educativa do bibliotecário se realiza em duas esferas – a pesquisa escolar e a leitura. No entanto, esse profissional ainda não teve

condições de implementar a ação pedagógica no cotidiano escolar. A autora afirma que a pesquisa escolar diz respeito ao bibliotecário por se tratar de um processo em que o aluno deveria se envolver com a busca e o uso da informação. Campello (2009, p. 20) cita a pesquisa de Neves (2000), que foi conduzida em uma classe do quarto ano do ensino fundamental, investigando como a pesquisa escolar era conduzida por essa turma. Os objetivos da pesquisa dos aprendizes eram ampliar ou fixar conteúdos estudados e complementar desempenhos insatisfatórios dos estudantes. Os alunos iam à biblioteca em horário contrário das aulas, recebiam os textos das atendedoras e dividiam as tarefas. A “pesquisa” consistia em cópia de trechos das fontes, achar os livros nas estantes, elaboração e enfeite do trabalho e confecção de capa. Essa prática de pesquisa tem consequências refletidas no decorrer do avanço dos estudos dos aprendizes. Segundo Gasque (2012, p. 125),

o letramento informacional na pós-graduação é influenciado pelas experiências e sentimentos com a pesquisa na informação básica (...) ele é influenciado pela cultura acadêmica, atitude dos professores em relação à busca e ao uso da informação, concepção de ensino-aprendizagem, infraestrutura e custos da informação, bem como pela consciência do grau de competência informacional do sujeito.

Gasque e Tescarolo (2012, p. 111) publicaram um artigo em que elencam os desafios para implementar o Letramento Informacional na Educação Básica. Eles apresentam cinco hipóteses principais para explicar os problemas em implantar o LI na escola: (1) dificuldade em mudar a cultura pedagógica, (2) formação inadequada dos professores, (3) concepção de ensino-aprendizagem, (4) organização do currículo e (5) ausência de infraestrutura adequada de informação

Gasque (2012, p. 112) afirma que o primeiro quesito se refere à ideia de hábito, ações frequentemente repetidas, não sendo necessariamente objetos de reflexão. As pessoas podem agir de forma automatizada, inconsciente e involuntariamente e com pouca atenção. Além disso, a autora afirma que quando se leva em conta a cultura educacional, apesar dos questionamentos envolvidos na aula tradicional, ainda assim a força da tradição educacional dificulta o centramento do ato de ensinar no aprendiz

O segundo quesito diz respeito à formação inadequada dos professores e Gasque (2012, p. 113) afirma que a atualização constante constitui necessidade fundamental, tendo em vista as transformações econômicas, políticas, sociais e culturais ocorridas de forma acelerada nas últimas décadas. A autora acredita que os professores precisam participar de formação continuada a fim de auxiliar os aprendizes a lidar com a quantidade de informações novas. Gasque (2012, p. 114) afirma que o professor deve ser um professor-pesquisador e estar disposto a estabelecer um diálogo crítico e criativo com a realidade que o cerca

O terceiro quesito diz respeito à concepção de ensino-aprendizagem. Gasque (2012, p. 114) afirma que a concepção de aprendizagem baseia-se em princípios filosóficos e educacionais que

direcionam as ações educativas mediante proposta pedagógica sintonizada com os problemas atuais.

O quarto quesito diz respeito à organização do currículo. Gasque (2012, p. 116) afirma que a construção do currículo é condição básica para a eficácia da aprendizagem. A autora adverte que os sistemas educacionais estão cada vez mais preocupados com a uniformidade curricular, tornando o professor pressionado a cumprir todo o conteúdo, muitas vezes desenvolvido em aula exclusivamente expositiva, o que exclui a problematização, a interação e a construção do pensamento reflexivo. Gasque (2012, p. 116) acredita que o currículo atualmente não pode mais ser visto dessa forma. A autora cita William Doll Júnior (2002), que propõe um currículo em que a linearidade, a mensuração e o determinismo sejam substituídos pela interação, desequilíbrio/equilíbrio, sugerindo um currículo modelado em uma matriz em permanente construção, que emerge na ação e interação dos participantes interagindo em uma rede relacionada de significados.

O quinto quesito é a ausência de infraestrutura adequada de informação. Gasque (2012, p. 117) afirma que o acesso à informação em quaisquer tipos de suporte e o ambiente apropriado à aprendizagem é condição para a inserção no mundo informacional, no entanto o livro didático predomina na escola brasileira. A autora cita alguns motivos que impulsionam o uso do livro didático: condições estruturais precárias da escola, condições de trabalho dos professores, critérios e princípios definidos nas diretrizes curriculares nacionais, estratégias de marketing utilizadas pelas editoras. Gasque (2012, p. 118) elenca outros motivos para a utilização reduzida de outras fontes de informação: estruturas e ambientes escolares precários, acervo obsoleto, recursos insuficientes, sistema de serviços impropriamente chamado de biblioteca escolar.

As questões elencadas no artigo mostram que o universo do bibliotecário escolar é o ambiente pedagógico e que o componente pedagógico é essencial para que ele compreenda o próprio fazer bibliotecário. Diante disso, a partir da revisão de literatura sobre o tópico, apresentam-se frases que sintetizam a questão da formação pedagógica do bibliotecário, quais sejam:

- As atividades da biblioteca precisam estar articuladas com o trabalho desenvolvido pelo professor;
- o bibliotecário escolar deve ter participação ativa no planejamento didático do professor;
- a formação do bibliotecário escolar precisa estar alicerçada em conceitos filosóficos, sociológicos e históricos para exercer uma crítica profunda ao aparelho escolar;
- o bibliotecário deve ser mais do que um organizador de informação, mas orientador;

- bibliotecários devem ser líderes na implantação de programas de letramento informacional;
- o LI é um processo de aprendizagem
- as questões relativas à implantação do LI mostram a necessidade de se compreender a proposta pedagógica, pensar o planejamento do professor e equipe de LI, investir na Biblioteca, mudar a cultura da instituição e, por fim, revisar o currículo;
- o bibliotecário deve propiciar chave para a aprendizagem ao longo da vida;
- bibliotecários precisam fomentar o gosto pela leitura nos estudantes, além de ensinar a usufruir dos recursos e serviços da biblioteca (utilização do catálogo, conhecimento do sistema de classificação utilizado, etc.);
- os bibliotecários devem participar de reuniões pedagógicas e de planejamento de projetos e da elaboração curricular.

POSSÍVEIS SOLUÇÕES PARA A BIBLIOTECA NA ESCOLA

Foram tratados, no decorrer desta monografia, os diversos obstáculos existentes para a concretização da biblioteca na escola. Eles foram subdivididos em obstáculos extra e intrabibliotecários. Nesta seção do texto, são oferecidas algumas alternativas para a transposição das dificuldades da biblioteca escolar.

Silva (1999, p. 50) elenca os obstáculos extra e intrabibliotecários que impedem a correta utilização da biblioteca escolar. Entre os primeiros fatores destacam-se:

- a falta de tradição ou consciência bibliotecária no Brasil. Um dos fatores desencadeadores desse obstáculo é a falta de incentivo governamental para políticas culturais que realmente alcancem toda a população. Com a desvalorização das produções culturais mais autênticas do povo e pelos entraves à popularização da leitura, do livro e da biblioteca, o governo pretende perpetuar a dominação que exerce sobre a maioria da população, marginalizando culturalmente as classes trabalhadoras por meio da manutenção de um aparelho escolar seletivo e excludente, da elitização do acesso à leitura e da negação da biblioteca como instituição social destinada à democratização da cultura.

Uma das formas para superar essa situação seria a sociedade organizada se mobilizar por meio de movimentos sociais de educação popular a fim de oferecer acesso às políticas culturais negadas aos moradores de baixa renda de uma determinada localidade;

- inabilidade para utilizar racionalmente os recursos informativos disponíveis na biblioteca. A busca e o uso eficaz e eficiente da informação é um processo de aprendizado, que

ocorre por meio do Letramento Informacional, definido por Gasque (2012, p. 28) como correspondente ao processo de desenvolvimento de competências para localizar, selecionar, acessar, organizar, usar a informação e gerar conhecimento, visando à tomada de decisão e à resolução de problemas. A mesma autora (2012, p. 38) afirma que o Letramento Informacional não tem sido foco da educação, em especial da educação básica e, ainda, que somente a partir da graduação, os aprendizes têm oportunidade de desenvolver atitudes científicas por meio do trabalho de conclusão de curso.

Gasque (2012, p. 46) afirma, baseada em pesquisas, que o Letramento Informacional beneficia o desenvolvimento escolar no ensino básico e aponta dificuldades no processo de pesquisa: dificuldade em acessar informações relevantes em fontes diversificadas, desconhecimento sobre ética na investigação (resultando em muitos trabalhos plagiados), dificuldade em organizar e usar a informação para construir conhecimento.

Gasque (2012, p. 47) afirma que os projetos identificados nas bibliotecas escolares são pontuais e pouco representativos da realidade da rede de ensino brasileira. Na maioria das vezes as unidades de informação que funcionam nas escolas não conseguem cumprir o objetivo de influir na leitura e pesquisa dos seus estudantes, principalmente pela carência de recursos, de identidade e da falta de integração com o núcleo pedagógico da escola. A autora (2012, p. 47) afirma que são poucos estudos que tratam da pesquisa escolar e que eles evidenciam deficiências na formação para a pesquisa, dentre eles:

- inexistência da orientação para buscar e usar a informação desde o ensino fundamental até o ensino médio, trazendo problemas aos universitários ao apresentar dificuldades em realizar buscas bibliográficas e na produção dos trabalhos acadêmicos;
- formação inadequada dos professores para o ensino da pesquisa. Os professores solicitam temáticas amplas demais para pesquisa; falta de roteiros ou orientação adequada, indicações restritas de fontes de informação, em geral, somente as enciclopédias e os livros e plágio nos trabalhos;
- visão simplista da pesquisa. Na maior parte como cópia, síntese ou repasse de conteúdos. Não há reflexão crítica sobre a real importância da pesquisa na prática docente.

Gasque (2012, p. 85) afirma que buscar e usar a informação constituem-se competências cruciais na sociedade da aprendizagem, que podem ser desenvolvidas por meio do Letramento Informacional. A autora afirma que a busca da informação envolve a busca ativa ou passiva da informação; o planejamento das atividades de busca, as estratégias e a motivação para atingir objetivos; a monitoração de estratégias; o conhecimento e a definição de canais ou fontes de informação potenciais; as competências para usar tecnologias da informação e a avaliação do

processo. A autora sugere que o Letramento Informacional ocorra por meio de projetos de trabalhos. Ela argumenta que esse tipo de trabalho promove a globalização e favorece a construção da reflexão.

Gasque (2012, p. 86) afirma que a pesquisa escolar e os projetos de trabalho entendem a pesquisa como processo de problematização, busca e organização da informação que culmina na produção de conhecimento. A autora segue afirmando que os projetos de trabalho voltam-se para a resolução de problemas muitas vezes confundida com a pesquisa escolar tradicional, por exemplo, são solicitadas tarefas de casa sem roteiro ou orientação adequada. Além disso, os projetos de trabalho extrapolam as atividades de busca de informação para uma forma de organizar os conteúdos de ensino-aprendizagem.

Gasque (2012, p. 87) afirma que os aprendizes devem decidir os conteúdos a serem trabalhados por meio da pesquisa escolar com orientação do professor. O papel dos estudantes neste padrão curricular é de copartícipe trabalhando a informação por meio de técnicas como índice, mapas conceituais, síntese e conferências. Além disso, a avaliação do conhecimento ocorre formativamente centrado nas relações e nos procedimentos de aprendizagem;

- boa parte das bibliotecas escolares está situada em espaço inadequado. Côrte e Bandeira (2011, p. 19) afirmam que a biblioteca por mais simples e pequena deve ser um local agradável, onde as pessoas gostem de estar. Afirmam ainda que o espaço da biblioteca deve estar previsto nos primeiros esboços da planta baixa dos arquitetos responsáveis

As autoras afirmam que o primeiro aspecto a ser considerado é a localização da biblioteca. Ela precisa estar em local de fácil acesso, próxima à passagem obrigatória de estudantes e professores, além de levar em consideração a acessibilidade para pessoas com deficiências, segundo a legislação. A biblioteca ainda precisa estar em um local afastado de ruídos, deve ser aconchegante, um local onde os aprendizes sintam vontade de ir. Côrte e Bandeira (2011, p. 19) ainda afirmam que o local deve ser bem iluminado, com entrada de luz natural, evitando que os raios solares incidam diretamente sobre o acervo. O local ideal da biblioteca é o andar térreo devido ao peso dos livros. Deve ter acesso independente a fim de permitir seu funcionamento mesmo em horários em que não haja aulas e a escola não esteja funcionando em sua totalidade. Deve prever expansões para seu futuro crescimento;

- o acervo da biblioteca escolar é pobre e desatualizado. - Côrte e Bandeira (2011, p. 53) afirmam que a biblioteca escolar deve estabelecer critérios para a formação de seu acervo de acordo com o currículo escolar, com o surgimento de cursos de extensão ou atividades paralelas importantes. Além disso, as autoras afirmam que a seleção do acervo deve ser feita em estreita colaboração com os professores e demonstrar uma perfeita correlação entre o acervo da biblioteca e

as atividades da escola. Afinal, todos os cursos e matérias do programa devem estar representados na biblioteca de maneira proporcional de acordo com a disponibilidade dos recursos financeiros.

Segundo Côrte e Bandeira (2011, p. 54), os recursos informacionais a serem disponibilizados na biblioteca escolar deverão ser dos tipos abaixo:

- Acervo geral: são obras para consulta e leitura para estudos, pesquisas e trabalhos escolares;
- acervo de referência: são os que respondem a perguntas rápidas e imediatas. São itens que não podem sair da biblioteca;
- livros didáticos: são os livros escolhidos pelos professores para servirem de apoio ao ensino em sala de aula;
- livros de literatura: romances, coletâneas de poemas, crônicas e outros gêneros de ficção;
- periódicos: títulos publicados periodicamente, por exemplo, jornais, revistas técnicas, científicas e informativas, boletins, dentre outros;
- materiais audiovisuais: são eles discos compactos, DVD, fita cassete, filmes, fotografias, slides ou diapositivos, audiolivros. Alguns desses materiais são muito úteis para o estudo de línguas estrangeiras.

Côrte e Bandeira (2011, p. 58) afirmam que os assuntos desses materiais devem fazer parte do currículo de todos os cursos oferecidos pela escola, de acordo com os objetivos de cada instituição de ensino.

Para concluir este capítulo, desenvolvemos um quadro com os principais pontos sumarizados apresentados abaixo:

Autores	Teoria
Expor os problemas atuais das bibliotecas escolares no Brasil	
Maroto (2012)	<ul style="list-style-type: none"> • No atual sistema de ensino existem poucas oportunidades de utilização da biblioteca da escola no cotidiano escolar • A baixa qualidade de utilização da biblioteca escolar no Brasil provoca baixíssimos índices de avaliações internacionais como o PISA.
Retratos da leitura no Brasil (2015)	<ul style="list-style-type: none"> • Para a maioria das pessoas pesquisadas (71%) a biblioteca é um lugar para pesquisar e estudar, seguido de um lugar para emprestar livros.
Explicar a importância do componente pedagógico na biblioteca escolar	
Campello (2009)	<ul style="list-style-type: none"> • O bibliotecário escolar tem a função de democratizar a informação, capacitar as pessoas para o uso crítico da informação, proporcionar condições que permitam a reflexão, a crítica e a construção de ideias por meio da leitura.

	<ul style="list-style-type: none"> • A prática educativa do bibliotecário escolar se realiza em duas esferas – a pesquisa escolar e a leitura.
Gasque (2012)	<ul style="list-style-type: none"> • Em parceria com Tescarolo, estabeleceu os desafios para implementar o Letramento Informacional que são: dificuldade para mudar a cultura pedagógica, formação inadequada dos professores, concepção de ensino-aprendizagem, organização do currículo, ausência de infraestrutura adequada de informação
Apontamentos de possíveis soluções para a biblioteca na escola	
Gasque (2012)	<ul style="list-style-type: none"> • O Letramento Informacional beneficia o desenvolvimento escolar no ensino básico. • Os projetos identificados nas bibliotecas escolares são pontuais e pouco representativos da realidade da rede de ensino brasileira. • Unidades de informação que funcionam nas escolas não conseguem cumprir o objetivo de influir na leitura e pesquisa de seus estudantes, principalmente pela carência de recursos, de identidade e da falta de integração com o núcleo pedagógico da escola.
Côrte e Bandeira (2011)	<ul style="list-style-type: none"> • A biblioteca por mais simples e pequena que seja deve ser um local agradável onde as pessoas gostem de estar. • O espaço da biblioteca deve estar previsto nos primeiros esboços da planta baixa dos arquitetos responsáveis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo analisar a interseção entre a biblioteca escolar e o ambiente pedagógico. Foram objetivos específicos do texto: i) situar a biblioteca escolar historicamente; ii) expor o problema atual das bibliotecas escolares do Brasil; iii) explicar a importância do componente pedagógico na biblioteca escolar; e, iv) apontar possíveis soluções para o cotidiano da biblioteca na escola.

Inicialmente, afirmou-se que, a partir das crenças do senso comum, as bibliotecas são consideradas como lugar de livros velhos e amontoados; e que as bibliotecas da escola são vistas como espaço de mero descanso e lugares de aguardar a aposentadoria. Essa situação é causada pelo sistema tradicional de ensino praticado nas escolas, onde os professores falam e estudantes escutam, tomando como verdade absoluta o discurso do professor.

A seguir, foi visto que a aprendizagem escolar está em transformação e que a biblioteca escolar precisa acompanhar essa tendência. Atualmente, a biblioteca escolar precisa estar atenta à transformação da sociedade. A escola deve ser vista como espaço de diálogo e discussão, já que não é mais o centro e nem a principal fonte de informação. Além disso, com o crescente uso de dispositivos de acesso à internet é cada vez mais urgente tratar de assuntos como direitos do autor, usabilidade, privacidade e segurança digital com os estudantes, como parte do currículo escolar.

Em seguida, foi apresentada a história das bibliotecas no Brasil. Foi visto que o início da história das bibliotecas no Brasil se deu nas escolas dos Jesuítas. Sob forte censura por parte da coroa portuguesa e da Igreja Católica, o livro circulou no Brasil com imensa dificuldade. Apesar disso, existiram boas bibliotecas particulares: os inconfidentes mineiros possuíam muitas obras proibidas. Esse fato levou ao endurecimento dos mecanismos de censura ao livro no Brasil. Afirmou-se que até o século XVII as instituições religiosas eram as principais administradoras dos colégios e das bibliotecas no Brasil. Após a expulsão dos Jesuítas do Brasil pelo Marquês de Pombal, houve a proibição de criação de conventos, a instituição do ensino leigo na colônia, o abandono das bibliotecas, que tiveram seus acervos confiscados ou foram dizimadas por pragas e pela falta de conservação. Em 1808, com a vinda de Dom João VI, a situação do livro melhorou no Brasil, pois a família real transferiu a biblioteca real para a colônia. Com isso, os mecanismos censórios foram acentuados.

A biblioteca escolar no Brasil contemporâneo foi o tópico seguinte tratado nesta monografia. Foi afirmado que a BE não encontra espaço de atuação no sistema escolar vigente, tendo em vista que as principais fontes de informação são o professor e o livro didático. O Brasil tem alcançado

baixos índices em exames internacionais de leitura e escrita e evidenciado altas taxas de evasão escolar, situação que reflete o fracasso do sistema escolar brasileiro. O sistema educacional funciona pela reprodução de discursos pelo professor e ao estudante resta a tarefa de receptor e reprodutor da narração dos professores. A grande maioria das escolas de educação básica não dispõe de espaço adequado para a biblioteca escolar, ignorando o valor que os recursos informacionais da biblioteca têm para o processo de ensino-aprendizagem isso contribui para que as pessoas das camadas populares não tenham acesso ao patrimônio cultural acumulado pela sociedade. Muitas vezes, quando as bibliotecas existem, elas são utilizadas como espaço de castigo e cópia de verbetes de enciclopédias, provocando a percepção de que a unidade de informação seja um local chato e desinteressante. Além disso, são poucos os professores que frequentam a biblioteca. As suas ausências são justificadas pela pobreza de recursos oferecidos, pelos recursos desatualizados e por não encontrarem a biblioteca aberta quando a procuram.

Os obstáculos ao uso da biblioteca na escola brasileira foram apresentados na sequência. Existem os obstáculos extra e intrabibliotecários. Os primeiros têm origem fora da biblioteca escolar, enquanto os segundos, têm sua origem na estrutura e no funcionamento da própria biblioteca e na atuação do bibliotecário escolar.

O ponto seguinte tratou da biblioteca como centro difusor do fazer educativo. A biblioteca escolar precisa estar bem estruturada para assumir o posto de dinamizador da leitura e difusor do conhecimento, além da primeira oportunidade concreta de acesso ao patrimônio científico e cultural para a maioria das crianças brasileiras. Toda a comunidade escolar deve estar envolvida no planejamento bibliotecário, respeitando os princípios da equipe inter/trans/multidisciplinar. Esse grupo de trabalho tem a função de definir os serviços e as atividades de prática e de produção de leitura e pesquisa desenvolvidas na biblioteca. Nunca se deve perder de vista que o estudante é o elemento mais importante da biblioteca escolar. É pensando em seus interesses que a biblioteca deve ser planejada. O ensino dogmático praticado nas salas de aula pode ser combatido com o auxílio do bibliotecário, tendo em vista a multiplicidade de opções de aquisição de conhecimentos oferecida pela biblioteca escolar.

O tema seguinte foi o potencial do uso da biblioteca na escola brasileira. Foi visto que as escolas costumam perceber a biblioteca como um elemento inerte, somente de apoio, em uma posição passiva frente ao trabalho do professor executado em sala de aula. Uma escola autogerida administrativamente permite que os professores tenham autonomia para a escolha de conteúdos e métodos. Isso permite melhor participação da biblioteca no processo pedagógico da escola ao permitir que o professor não seja a única fonte do saber, combatendo o ensino dogmático e fazendo com que o estudante seja produtor do conhecimento.

O bibliotecário visto como educador foi o assunto tratado em seguida. Foi visto que toda a comunidade escolar tem responsabilidade com a biblioteca. Todas as atividades desenvolvidas devem estar em consonância com o trabalho desenvolvido pelo professor. O bibliotecário escolar tem de se perceber como um verdadeiro educador. Ele deve orientar os estudantes na utilização da biblioteca e despertar o gosto pela leitura, além de orientar a inserção da biblioteca no processo ensino-aprendizagem da escola e apresentar ao professor as alternativas informacionais existentes na biblioteca. O bibliotecário escolar precisa conhecer a fundo os usuários da biblioteca e ter um aguçado senso de observação a fim de melhor realizar suas atividades. Foi mencionado o *Information Power* que estabelece três papéis para o bibliotecário escolar: 1) colaborador que é o envolvimento do bibliotecário com os professores no planejamento, na implementação e na avaliação das atividades relacionadas com a biblioteca. 2) líder ao esclarecer a natureza da aprendizagem na sociedade de informações abundantes e ao atuar na integração do conceito de Letramento Informacional no currículo da escola. 3) liderar a utilização de tecnologias, planejando estratégias didáticas que usam tecnologias para integração de pessoas e aprendizagem às tecnologias disponíveis, as utilizando de forma ética e responsável.

O tópico seguinte tratou sobre o Letramento Informacional. Afirmou-se que com a explosão informacional os bibliotecários preocuparam-se em tornar disponível todos os conteúdos informacionais disponíveis ao grande público. Isso exigia uma nova forma de pensar e agir. A educação escolar, principalmente, precisou se adequar a esse novo cenário pois a escola e o professor passou a não ser mais as únicas fontes de informação dos estudantes. Ensinar passou a ser mais desafiador ante a necessidade de levar conteúdos novos e interessantes ao cotidiano da sala de aula. Essa visão trouxe maiores possibilidades de inserção da biblioteca e conteúdos novos nas atividades pedagógicas da escola. O papel do bibliotecário na escola foi consideravelmente ampliado: passou de um promotor do hábito de leitura para incentivador do uso mais eficiente dos recursos informacionais na aprendizagem, principalmente, ensinar a buscar e usar a informações ao realizar pesquisas escolares.

O último ponto tratado se referiu às bases teóricas do Letramento Informacional. Foi visto que o Letramento Informacional foi uma evolução dos serviços de referência nas bibliotecas. Antigamente, as bibliotecas esperavam os usuários dirigirem questões aos profissionais bibliotecários. Posteriormente, as bibliotecas tornaram-se mais ativas indo ao encontro dos usuários por meio de cursos e palestras, vistas guiadas atingindo um número maior de pessoas.

Diante o exposto, é possível afirmar que há ainda muito a ser feito a favor das bibliotecas escolares no Brasil. Ações como: o reconhecimento de que é possível haver um trabalho pedagógico tendo os funcionários da biblioteca como matrizes; uma maior integração entre o

trabalho desenvolvido na sala de aula com o praticado na BE e a maior captação de recursos financeiros para que o trabalho biblioteconômico possa ser de excelente qualidade. Estas são algumas ideias para o aprimoramento do serviço oferecido pelas bibliotecas escolares.

REFERÊNCIAS

- CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CAMPELLO, Bernadete Santos. Perspectivas de letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 15, n. 29, p. 184-208, maio 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2010v15n29p184>>. Acesso em: 07 mar. 2017.
- CÔRTE, Adelaide Ramos; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca escolar**. Brasília: Briquet de Lemos, 2011.
- CUNHA, Murilo Bastos da. CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.
- ERMAKOFF, George. **Bibliotecas brasileiras**. Rio de Janeiro: G.Ermakoff Casa Editorial, 2015
- FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem**. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/13025>>. Acesso em 23 set 2017.
- GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias, CASARIN, Helen de Castro Silva. **Bibliotecas escolares: tendências globais. Em questão**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, set/dez. 2016.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2014
- BRASIL. Lei nº 12244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. *Diário Oficial da União*. Brasília, 25 maio 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm>. Acesso em: 08 jan. 2017.
- MAROTO, Lucia Helena. **Biblioteca escolar, eis a questão**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- MEY, Eliane Serrão Alves; SILVEIRA, Naira Christofolletti. **Catálogo no plural**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2009.
- SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- SILVESTRE ESTELA, Flor de María. A biblioteca escolar nos projetos de leitura nas escolas que obtiveram os melhores resultados do Enem. 2015. 125 f, il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015.